

NOVO CORONAVÍRUS

Especialistas dividem-se sobre a recomendação para uso de máscara na rua



ID: 6952017

HUGO FRANCO

Por causa do receio de uma segunda vaga da pandemia, a Direção-Geral da Saúde (DGS) veio recomendar esta semana o uso de máscara ao ar livre nos

locais movimentados em que é mais difícil manter o distanciamento social — uma medida que já tinha sido defendida pela Ordem dos Médicos. Para a DGS, “quando as pessoas no exterior não conseguem garantir para elas e para os outros a distância física recomendada, poderão e deverão usar máscara”. A recomendação não se estende a quem esteja ao ar livre em zonas mais isoladas, “no campo, num jardim, a horas em que não andam outras pessoas a passear”.

O Expresso ouviu virologistas, infecciosologistas e pneumologistas sobre o que pensam desta nova abordagem no combate à covid-19. A maioria concorda com a linha de ação das autoridades de saúde, mas há quem esteja frontalmente contra.

O bom exemplo da Feira do Livro

Para o virologista Pedro Simas, a recomendação da DGS é válida. “Vivemos num período de grande incerteza. O comportamento de cada cidadão vai ser importante para evitarmos uma segunda vaga descontrolada.” Este investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Universidade de Lisboa defende que quanto mais pessoas usarem máscara em espaços abertos mais dificilmente o vírus se espalhará. Pedro Simas esteve há poucas semanas na Feira do Livro, em Lisboa, e dá como bom exemplo o que se passou naquele evento que juntou milhares de pessoas em poucos dias no Parque Eduardo VII: “Toda a gente usava máscara”. Acredita que as autoridades fizeram bem em não obrigar os portugueses ao uso de equipamentos de proteção individual na rua e apenas em fazer uma recomendação. “A medida da DGS não fere a liberdade individual. É uma sugestão baseada numa evidência científica. Usar máscara em espaços abertos partilhados com mais pessoas é uma responsabilidade civil de cada um. Não se deve impor uma coisa destas numa democracia.” Tal como preconizam as autoridades de saúde, Simas defende que só não faz sentido colocar-se a máscara num parque vazio. Aí o risco de contágio é mínimo: “Vai sempre haver fações da população que não concordam com estas medidas. Há movimentos antimáscaras, tal como há, por exemplo, movimentos muito fortes antivacinas.” E conclui: “É importante usar máscaras para conquistar a liberdade, proteger os grupos de risco e evitar a segunda vaga.”

99,9% das pessoas usam mal a máscara

Já António Vaz Carneiro, especialista em medicina interna e diretor do Instituto de Saúde Baseada na Evidência, defende que esta recomendação da DGS não se justifica e lembra que não existem estudos científicos que comprovem que o uso de máscaras ao ar livre proteja as pessoas do vírus.

“Acredito que o risco é tão pequeno que é completamente inútil usar máscaras em espaços abertos”, diz. O médico defende que primeiro é preciso saber cientificamente quantas pessoas se infetam nos parques, à entrada das escolas, ou nas filas para os supermercados. “Sem isso estamos a adivinhar.” E deixa uma pergunta: “Vale a pena viver numa sociedade de mascarados? Além disso, é preciso ter em conta o incómodo que a máscara representa.” António Vaz Carneiro acredita que 99,9% da população usa mal a máscara. “Basta tocar numa com os dedos para ela ficar inutilizada”, sublinha. O especialista salienta que as autoridades de saúde devem usar “o senso comum” e deixar que sejam as pessoas a decidirem se querem ou não usar máscara na rua. E não entrar em atitudes mais fundamentalistas. “Já agora, porque não meter de 5 em 5 metros uma garrafa de álcool/gel nos parques nacionais?”.

Fita métrica para medir as distâncias

Opinião diferente têm Paulo Paixão, virologista da NOVA Medical School, Filipe Froes, pneumologista e coordenador do gabinete de crise covid-19 da Ordem dos Médicos, e Ricardo Mexia, presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública. Paulo Paixão diz “concordar inteiramente” com a DGS e lembra que, na prática, a “maioria” dos portugueses está já a utilizar máscaras em espaços públicos com maior densidade populacional, como nas filas para os transportes públicos. Se esta recomendação fosse tomada isoladamente não serviria para evitar o pico de casos previstos para breve, mas sendo adotada em conjunto com outras medidas será “determinante” para diminuir o número de infetados, acredita. “A máscara deve ser usada sempre que o distanciamento social não pode ser garantido, mesmo ao ar livre”, sublinha o virologista. Por sua vez, Filipe Froes lembra que a Ordem dos Médicos tem vindo a pedir à DGS há já algumas semanas que implemente esta regra do uso de máscara em espaços ao ar livre. “Serve para atrasar ao máximo uma eventual falência de uma resposta em Saúde e o indesejável regresso do confinamento”, argumenta. O pneumologista lembra que na rua ninguém anda com uma fita métrica a medir o espaço entre si. “Há muitas alturas em que as pessoas ficam a menos de dois metros de distância.” E é aí que reside o perigo. Por isso, aconselha igualmente o uso da máscara. Também para Ricardo Mexia, a recomendação da DGS faz sentido, sobretudo nos lugares onde seja mais difícil manter a distância. “Já a ideia de obrigatoriedade do uso gera discussão, porque pode ser contraproducente.”

Em Espanha, o uso de máscara na rua é já obrigatório em algumas regiões. Também em França, é obrigatória em algumas ruas mais movimentadas de

Paris, e em Lille e Nice. Resta saber se Portugal chegará alguma vez a seguir estes exemplos.

COM RAQUEL ALBUQUERQUE